ANNO XXXII. N. 49.

Por 3 mezes adiantados 4$000.
Por 3 mezes vencidos 4$500.

DOMINGO 24 DE FEVEREIRO DE 1856.

Por anno adiantado 15$000.
Porte franco para o subscriptor.

DIARIO DE PERNAMBUCO.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAO' NO NORTE.
Parahiba, o Sr. Gervazio V. da Natividade; Natal, o Sr. Joaquim I. Pereira Junior; Aracaty, o Sr. A. de Lemos Braga; Ceará, o Sr. J. José de Oliveira; Maranhão, o Sr. Joaquim Marques Rodrigues; Piauhy, o Sr. Domingos Herculano A. Pessoa Cearense; Pará, o Sr. Justiano J. Ramos; Amazonas, o Sr. Jeronymo da Costa.

PARTIDA DOS CORREIOS.
Olinda: todos os dias.
Caruaru', Bonito e Garanhuns: nos dias 1 e 15.
Villa-Bella, Boa-Vista, Exu' e Ouricury: a 13 e 28.
Goianna e Parahiba: segundas e sextas-feiras.
Victoria e Natal: nas quintas-feiras.

AUDIENCIAS DOS TRIBUNAES DA CAPITAL.
Tribunal do commercio: quartas e sabbados.
Relação: terças-feiras e sabbados.
Fazenda: quartas e sabbados as 10 horas.
Juizo do commercio: segundas as 10 horas e quintas ao meio-dia.
Juizo de orphãos: segundas e quintas as 10 horas.
Primeira vara do civel: segundas e sextas ao meio-dia.
Segunda vara da civel: quartas e sabbados ao meio-dia.

EPHEMERIDES DO MEZ DE FEVEREIRO.
6 Lua nova as 7 horas, 23 minutos, 48 segundos da manhãa.
13 Quarto crescente aos 7 minutos e 48 segundos da manhãa.
20 Lua cheia a 7 hora, 30 minutos e 48 segundos da tarde.
29 Quarto minguante aos 19 minutos e 48 segundos da manhãa.
PREAMAR DE HOJE.
Primeira as 7 horas e 42 minutos da manhãa.
Segunda as 8 horas e 6 minutos da tarde.

DIAS DA SEMANA.
18 Segunda. S. Semeão b.; S. Prepedigna v.
19 Terça. S. Conrado f.; S. Gabino m.; S. Alvaro.
20 Quarta. Ss. Eleuterio e Nilo bb.
21 Quinta. Ss. Maximiano e Fortunato bb.; S. Angela v. f.
22 Sexta. S. Margarida de Cortona f.; Ss. Papias e Abilio bb.
23 Sabbado. Ss. Lasaro, Severino e Primitivo mm.
24 Domingo. 3.º da Quaresma. Ss. Montano, Pretextato e Tharasio.

ENCARREGADOS DA SUBSCRIPCAÕ NO SUL.
Alagoas, o Sr. Claudino Falcão Dias; Bahia, o Sr. D. Duprat; Rio de Janeiro, o Sr. João Pereira Martins.

EM PERNAMBUCO.
O proprietario do DIARIO Manoel Figueiroa de Faria, na sua livraria Praça da Independencia ns. 6 e 8.

Diario de Pernambuco.

Da mensagem que o presidente dos Estados-Unidos dirigira ultimamente ao respectivo congresso federal, bem como de varios artigos que nesta folha temos transcripto, vê-se quão melindrosas são as circunstancias em que actualmente se acha aquelle vasto e poderoso paiz.

Difficuldades no exterior, difficuldades ainda maiores no interior, tal he o estado em que o anno de 1855 deixara a União Americana ao passar o sceptro que empunhava ao que lhe succedra na serie dos tempos.

As difficuldades exteriores dam-se com a Hespanha e tambem com a Inglaterra, mas principalmente com esta ultima potencia.

A Hespanha, conscia de sua fraqueza, evita por todos os meios offender e até desgostar o gigante americano para ver se assim lhe será permettido conservar a ilha de Cuba que elle tanto cubiça; mas não obstante isso, não póde ainda resolver-se a dar a satisfacção que della foi reclamada pela detenção do vapor *El Dorado* no porto de Havana.

As difficuldades com a Inglaterra resultão de duas cousas ambas de grande alcance: a violação da lei municipal dos Estados-Unidos pelos agentes do governo britanico e a occupação por parte deste mesmo governo de uma porção consideravel de territorio na America Central. Bem que a constituição dos Estados-Unidos não prohiba aos seus concidadãos, no caso de romperem hostilidades entre duas ou mais nações, a venda dos artigos denominados contrabandos de guerra nem o transporte de artigos bellicos ou soldados em navios mercantes americanos para algumas dessas nações, todavia a lei municipal prohibe não só que os estrangeiros senão tambem que os nacionaes armem dentro da União nenhum navio, nem aliste nenhuma pessoa para sahir dos limites ou jurisdicção dos Estados-Unidos com intenção de entrar para o serviço de um estado estrangeiro, qualquer que elle seja.

O governo britanico, fingindo ignorar esta disposição, talvez pela necessidade que tinha de alistar gente que enviasse a combater os Russos na Crimea, mandou agentes seus ao Canadá e aos Estados-Unidos para tratarem desse negocio: mas o governo americano, sempre zeloso de seus direitos, tomou logo as medidas convenientes para a prisão e punição desses violadores de suas leis, reclamando ao mesmo tempo com energia do governo do paiz a que pertencião não só a cessação do mal senão tambem a sua reparação.

Infelizmente esta questão ainda se acha pendente.

Os Inglezes queixam-se de que as reclamações americanas são redigidas em linguagem tão pouco comedida e delicada que, posto o seu governo esteja prompto para fazer todas as concessões compativeis com a digni[illegible] paiz, á frente de cujos negocios se acha co[illegible] to[illegible] não póde ain[illegible] cidir-se a satisf[illegible]-las.

Se attendermos porém á imprensa das [illegible] nações, veremos que uma nada fica a dever á outra relativamente as injurias e diremos mesmo aos insultos, que reciprocamente se prodigalizam, resultando dahi acharem-se convertidos em repulsão e odio os sentimentos de estima e affeição que outr'ora ligaram as duas populações.

A' *Washington Daily Union* de 15 de dezembro proximo passado, tratando deste negocio em um longo artigo exprime-se nos seguintes termos:

« Nesta cruzada do *Times* e seus socios da imprensa britanica, uma cousa tem elles sem duvida nenhuma conseguido. Semearam dentes de dragão para que dahi saião um dia homens armados; implantaram no coração do povo dos Estados-Unidos um sentimento profundo de repulsão, alienaram quasi completamente uns 20,000,000 de homens, cuja posteridade ha de provavelmente contar dentro de poucas gerações 100,000,000 que herdarão os sentimentos de seus pais. Houve um tempo em que uma grande porção desta povo olhava para Inglaterra com uma veneração affectuosa que se aproximava alguma cousa da piedade filial; porém elle não reconhecerá por mais tempo uma mãi que, ao passo que reclama a sua sympathia, o está perpetuamente assaltando por toda a demonstração de desnatural antipathia. — Os dous governos podem fallar em suas notas diplomaticas das relações de amisade que tão felizmente subsistem entre os dous paizes, porém não haverá paz, não haverá outras relações mais que a de sordido interesse em quanto um delles pelo meio de sua imprensa continuar a infligir perpetuos insultos e calumnias e o outro vingar-se usando de represalias. »

A segunda questão he ainda mais difficil de resolver-se amigavelmente que a precedente.

Os Estados Unidos que já contão com a proxima annexação do Mexico, visto o estado miseravel em que se acha esse desgraçado paiz, não podem tolerar que a Inglaterra occupe nenhuma porção de territorio na America Central, por quanto isso empediria que para o futuro podessem realisar o sonho giganteseo com que ha muito se emballam, isto he, a occupação de todo o continente conhecido debaixo do nome de America Septentrional.

Por convenção celebrada em 19 de abril de 1850 entre os dous governos, ficou estipulado que nenhum delles occuparia, fortificaria ou colanisaria nenhum dos territorios de Nicaragua, Costa Rica, e Mosquito ou qualquer outro da America Central, nem assumiria jamais sobre algum delles o exercicio de qualquer dominio.

A Inglaterra entende os effeitos que desse tratado são simplemente prospectivos e não exigem por conseguinte que ella abandone nenhuma das possessões que tinha naquella região na data da celebração do mesmo.

Os Estados Unidos de sua parte não se negão que a Inglaterra tivesse direito a alguma possessão na America Central na data da celebração do tratado em questão, senão tambem sustentão que, dado o caso que assim fosse, esse direito se deve considerar cedido á vista das disposições no mesmo tratado contidas.

O interesse oppõe-se a que cheguem a um accordo. Os Estados Unidos não cederão jamais do seu proposito, fallo-ha a Inglaterra? O tempo nolo dirá.

Entretanto que a questão se discute, um numero consideravel de aventureiros americanos invadio Nicaragua e estabeleceu um governo seu que foi reconhecido pelos Estados Unidos, não obstante o protesto que contra esse procedimento fizer-se tres dos estados visinhos.

Se as difficuldades externas com que lucta a União Americana podem leva-la, quando não a ter guerra, ao menos a supender as relações com a Gram Bretanha, as internas ameação-na de uma guerra civil e mesmo de total dissolução.

Nunca o espirito de invasão animou tanto os differentes estados como actualmente. O norte quer a todo o custo impor ao sul as suas instituições, sem attender que mui diversos são os seus interesses; este resiste e daqui o perigo de uma lucta que p[illegible]velmente não terminaria [illegible] com a dissolução da União.

Em Kanzas já se achão em armas os dous partidos. Os invasores, os homens do estado livre, em numero de 700 e os Missourianos no de 500. Nenhum conflicto tinha tido ainda lugar entre elles: mas como se achão separados uns dos outros apenas pela exten[são] de sete milhas, a não haver uma prompta intervenção da parte do governo, he mui provavel que brevemente venhão ás mãos.

O congresso não se achava ainda constituido. A lei determina que seu presidente seja eleito pela maioria obsoluta dos votos presentes; mas não obstante ter-se já procedido a 45 escrutinios, nenhum dos candidatos conseguira obter o numero exigido, tal he a obstinação dos partidos em que a casa está dividida.

O candidato dos *Know-Nothing*, Mr. Banks, foi quem no ultimo escrutinio obteve maior numero de votos, 106 membros votaram nelle, mas para ser eleito era necessario que tivesse obtido pelo menos 112.

Uma tal disposição he como se vê sugeita a graves inconvenientes. Se os membros do congresso persistirem em votar sempre nos mesmos individuos, como he provavel que façam para evitarem que saia eleito o candidato dos Know-Nothings, a sessão não se abrirá e o paiz ficará privado das vantagens que della sem duvida lhe havião de resultar.

Litteratura.

OS PRIMEIROS SECULOS DA CARIDADE.

(Pelo conde Franz de Champagny)

I

Da caridade christãa em geral.

Folheando os Santos Evangelhos, encontro um dito que não he sempre o que se dá por devisa á caridade christãa, mas que parece-me entretanto proprio para assignalar um de seus caracteres mais notaveis:

« Guardai-vos de desprezar um desses pequenos. »

A antiguidade pagãa não ignorou com effeito e não podia deixar de sentir esses instinctos de compaixão, que estão no fundo do coração do homem, mas elles foram muitas vezes suffocados; algumas vezes até causaram vergonha e he triste dizer que um dos progressos da philosophia sobre a tradicção primitiva foi condemna-los ou nega-los. Os poetas antigos fazem da piedade uma divindade, e Seneca fazia della uma enfermidade; mas, graças a Deos, e a despeito dos philosophos, o sentimento da piedade permaneceu no fundo de todas as almas. Por confusas que fossem as tradições sobre a origem da familia humana, as idéas de uma certa consanguinidade entre os homens não escaparam a todas as attenções; Cicero chegara a este pensamento (1), e a este respeito o sangue falla tão alto, que mesmo em uma platea romana composta de senhores que a chicotadas acabavam de rasgar as costas de seus escravos, de triumphadores que haviam arrastado atraz de si captivos destinados aos supplicios; de espectadores apaixonados do amphitheatro, lá mesmo o sentimento da fraternidade brilhava em applausos dados ao famoso verso traduzido de Menandro:

« Sou homem e nada do que he humano me he estranho. » (2)

Ainda mais, a alliança em uma certa medida deste sentimento com o sentimento religioso, sua derivação theologica, se assim posso dizer, não faltava inteiramente ao paganismo. Somos a raça dos deozes, dizia Aratus citado por S. Paulo. E a sancção dos deveres do homem para com o homem, era o culto, não dos deozes inferiores, dos deozes dos poetas, mas o culto do deos soberano, de Jupiter. Havia Jupiter protector dos estrangeiros, Jupiter protector dos hospedes, Jupiter protector dos que pedem. Era Jupiter que perseguia o homicidio; as Eumenides eram seus ministros. As divindades puramente poeticas, todos o sentiam bem, não eram assás serias para exercer essa tutella do homem. Cumpria confia-la a um deos mais grave, ao unico no nome e na tradição do qual se acha uma lembrança do verdadeiro Deos, do Deos um.

O valor do homem aos olhos do homem não era portanto cousa inteiramente desconhecida ao paganismo; mas o que lhe faltava era a concepção clara do homem espiritual, que dá a este valor alguma cousa de absoluto. Não ha certeza de que a noção do ser immaterial, do pensamento inteiramente livre dos sentidos tenha sido concebida pelos philosophos, nem com mais forte razão pelo vulgo. A alma, o ser *incorporeo*, ou o que assim se chamava, era um sopro, (*anima*) uma chama, um ar apurado; alguma cousa sem duvida mui subtil, mas perceptivel todavia por um sentido ou por outro. O paganismo era dominado pelos sentidos e não chegava a escapar-lhes nunca completamente. O homem tinha por tanto sobre as outras creaturas a unica vantagem de uma forma um pouco mais perfeita, de um poder um pouco superior, de uma intelligencia um pouco mais activa; elle era na mesma ordem alguma cousa de mais; mais altamente collocado na mesma esphera; não havia um abysmo entre ellas e elle.

A distancia sendo menor entre o homem e os outros entes creados, era maior por conseguinte entre um homem e outro homem. Certos entes humanos estavam tão perto do bruto! O menino no seio da mãi, não respirando, quasi que não vivendo, esse informe rudimento do homem era tão pouca cousa! O menino recem-nascido a quem a palavra não distinguia ainda dos animaes, era tão pouca cousa! O ente mal feito, aquelle que possuia imperfeitamente essa forma exterior em que consistia toda a grandeza do homem era tão pouca cousa ainda!

O escravo, essa segunda natureza humana de quem Aristoteles faz uma variedade á parte na especie, era tão pouca cousa! A mulher, o sexo inferior, era ainda tão pouca cousa! O vassallo comparado com o soberano, o proletario comparado com o cidadão, o pobre comparado com o rico, todos os desamparados da deoza Fortuna comparados com os seus privilegiados; todos os impotentes da ordem politica ou da ordem social comparados com os entes bem feitos, com aquelles que eram os *bellos e excellentes* da cidade (*optimates*) eram tão pouca cousa! As desigualdades multiplicavam-se ao infinito e com um caracter tão absoluto como nunca o fora nos tempos modernos, por isso mesmo que a grande desigualdade, a grande differença entre o homem e o que não he o homem, não era sentida de um modo bastante absoluto. A superioridade humana e a igualdade humana eram desconhecidas pela mesma causa e ao mesmo tempo.

Mas no Christianismo tudo muda. O homem colloca-se desde o principio de uma distancia inapreciavel acima do ente material; aparta-se delle, como diziam os antigos, de um céo inteiro. Entre o ente material e o ente immaterial não ha medida commum. O homem tem uma alma, essa parte puramente espiritual de seu ser, sem parentesco com a natureza terreste, analoga á natureza divina. Sua alma he um sopro, mas he o sopro de Deos. E não he isso bastante gloria, pois essa alma não só fora creada por Deos, senão tambem remida por elle. Deos interveio segunda vez; depois de ter feito o homem, fez-se homem. Elle era como pai, o principio da fraternidade humana; como irmão agora he o seu laço. Elle a fundara e agora se lhe associa. E para cumulo de gloria essa alma he immortal. Essa alma feita pela mão de Deos, essa alma associada á natureza divina pela associação de Deos á natureza humana, he destinada a viver para sempre em Deos e com Deos. Não cabe exclamar aqui com um padre da igreja: « Alma, levanta-te, eis o que tu vales! » (3)

Daqui duas cousas: a superioridade absoluta do homem sobre tudo o que não he o homem; a igualdade fundamental do homem para o homem. O que he uma creatura privada de razão, por mais rico e grande que seja, em comparação desse homem tão grande por sua essencia, por sua redempção, por seu futuro? O que he o mundo material todo inteiro junto de uma só alma humana? E mesmo os entes mais poderosos que a imaginação possa conceber, as abstracções mais altas a que o pensamento tenha podido dar nascimento, os entes collectivos mais dominantes nesse mundo, a familia, a cidade, a nação, a patria, essas cousas da terra, o que são junto de uma só alma, essa cousa de Deos?

Estabelecida essa differença fundamental, as differenças secundarias, as differenças de homem para homem são, relativamente fallando, imperceptiveis. Que importa a differença de um homem para outro homem? São sempre duas almas. O proletario, o pobre, o subdito, he uma alma! O escravo, he uma alma! A mulher, he uma alma! O disforme, o miseravel, he uma alma! O menino que acaba de nascer, he uma alma! O menino ainda não nascido, he já uma alma! Guardai-vos por tanto de desprezar um só destes pequeninos porque he uma alma igual por essencia á vossa, uma alma creada por Deos, remida por Deos, chamada a ver a Deos; uma alma *que tem um anjo no céo e esse anjo vê a face do Pai que está nos céos!* (4)

O homem tem pois um valor inapreciavel, incontestavel, absoluto e esse valor absoluto do homem faz que não possa haver direito absoluto contra elle. Qualquer que seja a relação de um homem para outro, ha direito de parte á parte, por conseguinte dever de parte á parte. Nem o adulto contra o menino, nem o homem contra a mulher, nem o pai contra o filho, nem o esposo contra a esposa, nem o amo contra o servo, nem o cidadão contra o proletario, nem o soberano contra o subdito, nem a cidade contra aquelle que della he membro, não podem reclamar um direito de disposição absoluta. O homem obedece-lhes, mas não lhes pertence. Assim como não ha homem sem alma, assim não ha homem sem direito.

Esses *direitos do homem*, segundo o Christianismo, quasi que não precisam de ser definidos. A alma tem direitos que lhe são proprios; ella tem direito á verdade, ao conhecimento, á virtude. Ella tem o direito de alcançar todas essas cousas, e cada homem na medida de sua missão, tem o dever de lh'as facilitar.

Mas a alma tem direitos ao nome de seu proprio corpo. O corpo do homem participa da grandeza de sua alma e conserva um reflexo de sua gloria. He o templo do Espirito Santo. Essa mesma carne, hoje aviltada e degradada, ha de tornar a apparecer no céo, revestida de gloria sem ser sujeita á corrupção. Quando mesmo o christão, segundo a expressão de S. Paulo, crucifica sua carne, he afim de que igual á de Christo, ella desça um dia ao sepulchro e ressuscite na gloria. O corpo do homem tem por tanto direito a uma parte do respeito, do cuidado, da protecção que deve cercar sua alma.

Mas do mesmo modo que a alma tem o corpo a seu serviço, os bens da terra estão tambem ao serviço do corpo. A conservação delles he ainda um dos direitos do homem, seu livre uso uma de suas liberdades. Ensinar esse triplice respeito d'alma, do corpo, do patrimonio; assegurar essa triplice liberdade da consciencia, da vida, da propriedade, render honra ao homem, em seu abatimento moral que se eleva, em sua vida corporea que se protege, em sua pobreza que se allivia, e isso contra as trevas da corrupção idolatrica, contra a inhumanidade e egoismo dos seculos pagãos, contra todas as prevenções da força, contra todas as usurpações do poder soberano, contra todos os abusos do poder domestico, contra todas as iniquidades do direito civil, contra todas as violencias do direito publico: tal era a tarefa da caridade christãa. Ella pode exprimir-se em uma só palavra: Dar ao homem todo o seu valor e isso em nome de Deos.

A historia de uma tal obra seria um immenso trabalho: felizmente nos he permittido circunscrevê-la e proporciona—la a nossa fraqueza. A mais alta, santa e fundamental parte da caridade christão isto he a caridade espiritual, a esmola feita as almas escapa-nos mesmo por sua grandeza; ella seria a historia de todo o proselytismo, de todo apostolado christão, da fundação mesmo do Christianismo. Trabalhos recentes, inspirados por nossos corpos sabios e submettidos a sua approvação permittem-nos lembrar summariamente, sem entrar em muitas particularidades, o que respeita, quer á questão da escravidão, quer á do aperfeiçoamento do direito civil. Esses dous assumptos tem sido tratados de um modo tão completo e luminozo que seus resultados se considerão como adqueridos; por tanto basta lembra-los. (5) Assim restricto, o assumpto he ainda mui vasto; mas he mui bello e não pode deixar de tentar-nos, ainda que seja só pela « honra de o ter emprehendido »

II

Da caridade do seculo dos apostolos.
Da Igreja de Jerulalem.

Comecemos pelos primeiros dias da Igreja christãa. Ha um certo encanto em desenterrar, por assim dizer, a semente de que sahira uma arvore gigantesca; em comprehender as maiores instituições em seu começo que he sempre humilde; em contemplar a Igreja em seu berço indigente como Christo no delle; em fazer reflorescer em nossas memorias essa simplicidade dos primeiros dias.

O ensino da caridade fora dado pelo Homem-Deos na terra. Esta palavra da antiga lei « Amarás ao senhor teu Deus de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu espirito e de toda tua força e a teu proximo como a ti mesmo » recebera o divino commentario do Evangelho. Como todas as virtudes do judaismo, a caridade mosaica tinha sido elevada a uma potencia superior. Essa benevolencia do Judeu para com o Judeu, restricta, formal, estrecta, fora substituida pela caridade do Christão, não somente para com o Christão senão tambem para com o homem, larga, multipla, superabundante.

Lembrai-vos desse magnifico sermão sobre a montanha, no qual Jesus toma um a um os preceitos da moral hebraica e dobra-os, por assim dizer, pela extensão que lhes ajunta: « Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás, mas eu vos digo que quem se encolerisar contra seu irmão será condemnado ao supplicio do fogo. Ouvistes que foi dito: Amarás a teu proximo e odiarás a teu inimigo; mas eu digo-vos: Amai a vossos inimigos » Não somente a piedade antiga senão tambem a beneficencia judaica era exaltada, e anobrecida e divinisada em seu principio.

O homem ama o homem porque ama a Deos; o homem ama ao homem porque são um e outro filhos de Deos; isso não he bastante; porque Deos unindo-se á natureza humana, unio-se a um assim como ao outro, e fazendo-se irmão de ambos os fez irmãos segunda vez. A beneficencia judaica, tornando-se a caridade christãa, dilata-se em todo os sentidos. He mais larga por suas obras, porque não se contenta com dar estrictamente o que a lei exige, mas considera-se como carregando a carga de seu irmão: « Deos deu a cada um de vós a carga de seu proximo » Ella he mais larga pelo numero daquelles a quem se applica, pois estende-se até aos inimigos, aos perseguidores aos calumniadores: « Se amais aquelles que vos amam que recompensa tereis? Não fazem o mesmo os publicanos e os gentios? Ella he mais larga pelo numero daquelles que são chamados á pratica-la pois são todos os homens, qualquer que seja sua origem, sua condição, sua patria. O mais brilhante exemplo da caridade do homem para com o homem he o do samaritano. Ella he maior pelas recompensas que lhe são promettidas, pois não são ouro nem prata, cousas corruptiveis, nem e prosperidade temporal promettida pela antiga lei; he um reino, e o reino do céo, que he annunciado como a recompensa de todas as virtudes, mas antes de tudo da caridade. Ella he mais alta pela dignidade daquelles a quem soccorre, pois soccorrendo os pobres he a Jesus Christo mesmo que ella assiste. He mais santa pelo modelo que lhe he proposto, pois esse modelo he o proprio Deos: «Sêde perfeitos como vosso Pai celeste he perfeito. Sêde misericordioso como elle he misericordioso: sêde filhos de vosso Pai celeste que está nos céos, que faz levantar o seu sol sobre os bons e sobre os maus, que faz cahir a chuva sobre os justos e sobre os injustos. »

Esse curto e imperfeito resumo das regras da caridade evangelica basta para despertar a lembrança della e para vê-la posta em pratica. A sociedade christãa começou no dia em que depois da resurreição do Senhor e de sua subida ao céo, o Espirito Santo desceu sobre os apostolos reunidos no Cenaculo. Foi então que as sementes das virtudes christãas depostas em suas almas germinaram nelles; foi então que os preceitos aceitos, por elles começaram a traduzir-se em obras; foi então que a fé delles brilhou em todo seu poder.

A caridade mostra-se nesse tempo debaixo da forma mais perfeita. Depois da primeira predica « foram tres mil os que perseveraram na doutrina dos apostolos e na communhão da fracção do pão e nas orações....... Todos aquelles que criam eram iguaes uns a outros e tinham tudo em commum. Vendiam suas propriedades e seus campos e repartiam-nos entre todos segundo as necessidades de cada um. Cada dia reuniam-se junto no templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com exaltação e simplicidade de coração, louvando a Deos e rendendo-lhe graças diante de todo o povo..... A multidão dos crentes não tinha senão um coração e uma alma, e nenhum delles considerava como sua nenhuma das cousas que possuia; antes todas lhe eram communs...... Ninguem era pobre entre elles; todos os que possuiam campos ou casas vendiam-nas, e vinham depôr o preço da venda aos pés dos apostolos. » (6)

Eis a communhão christãa em toda sua pureza. Eis a igualdade primitiva restabelecida tanto quanto pode sê-lo neste mundo. Eis uma Igreja inteira praticando os conselhos da perfeição evangelica: « Vendei o que tendes e dai-o aos pobres. »

Mas uma tal ordem não podia ser nem universal nem eterna; ella não podia ser senão voluntariamente abraçada: por conseguinte todos os christãos que não se tivessem sentido com a força de soffrê-la, sem serem por isso excluidos da Igreja, teriam ficado fora dessa communhão: « Não permaneceria em tuas mãos o teu corpo, se o tivesses querido guardar? Não te pertenceria o preço delle se o vendesses, diz S. Pedro a Ananias exprobrando-lhe sua mentira (7) Não havia por tanto nenhuma obrigação para essa renuncia, nem mesmo de consciencia. Ella não podia ser a regra de uma sociedade um pouco numerosa, porque implicava a renuncia á cultura e ao commercio, e uma sociedade um pouco numerosa não poderia viver sem esses dous recursos. Ella não podia finalmente durar muito tempo, pois não era acompanhada do celibato, e as familias, multiplicando-se, teriam feito que tirassem sua parte do patrimonio commum espiritos, almas, caracteres mui diversos, o que levaria pouco a pouco cada um a pôr-se a caminhar á parte e tornar a entrar em sua libardade primeira. Quanto ella durou, não o sabemos: o unico monumento que resta-nos, a passagem citada dos Actos dos Apostolos refere-se, não digo aos primeiros annos, porem ao primeiro anno do Christianismo. Nenhum testemunho posterior ha que nos dê a conhecer a sua duração.

(*Continuar-se-ha*)

(1) De Legibus.
(2) Homo sum, humani nil à me alienum puto. (Terencio e Menandro que elle traduzio.)
(3) Anima, erige te; tanti vales! (Santo Agostinho in psalm. 102)
(4) Math. cap. XVIII, v. 10.
(5) Historia da escravidão natantiguidade por M. Wallon. Da influencia do Christianismo sobre o direito civil dos Romanos, por M. Troplong; 1843.
(6) Act. II, 42, 44, 47; IV, 32, 34, 35.
(7) Act. v, 4.

Leitura para senhoras.

CARTA A MINHA SOBRINHA

Da ordem e economia interior.

(*Continuação.*)

Vossê agradece-me, minha menina, o ter-lhe dado os conselhos necessarios para bem estabelecer seu *poder maternal*, conforme diz, na casa, e sente-se tão bem disposta a segui-los, que pede-me a graça de continua-los. Estimo isso tanto que não posso deixar de obedecer-lhe quanto antes.

Eis-me pois de novo as suas ordens e prompta a começar outra vez o meu cursinho de moral de que vossê tanto proveito tira.

Primeiro que tudo, compenetre-se bem desta verdade que o « espirito de ordem he a riqueza de uma casa » por isso o que antes de tudo uma senhora deve aprender, he contar comsigo mesma, afim de cortar as despezas superfluas para melhor fazer as que a decencia, o bem estar dos seus, ou a caridade lhe inspiram.

Mas sendo economica e regrada, cumpre evitar tambem cahir na avareza, ignobil defeito que aproveita pouco e deshonra muito.

Para uma casa ser bem administrada, importa que todas as cousas, mesmo as mais simples, não se façam nunca sem ordem ou permissão da dona. Ha duas maneiras de prevenir o desperdicio: uma estricta, que consiste em dar cada manhãa o consummo do dia; a outra mais larga, que he dar as provisões necessarias para a semana ou para os mezes; e não creia que sejam as pessoas baixas que assim obrem, pelo contrario.

Posso citar-lhe como exemplo uma casa que conheço, no bairro de S. Germano; são pessoas ricas, nobres e altamente collocadas na escala social: ha nessa casa tres moças criadas com toda a elegancia e com o esmero necessario em sua posição; pois bem essas moças estão alternadamente de semana, quero dizer aquella que esta de serviço tem as chaves de tudo; da o assucar, o arroz, as velas; desce a adega com o criado, finalmente faz tudo o que exige a conducta de uma boa dona de casa. Acabada a semana, substitue-a uma das outras irmãas, e assim por diante.

Não crê, minha filha, que essas moças serão ainda muito mais preciosas aos olhos de um marido, por essa educação sensata do que pelos seus titulos de ricas herdeiras, visto que elles temem muitas vezes que quem muito traz, muito gasta?

Conserve portanto debaixo de chave o vinho, as velas, o café, os licores, em uma palavra todos os objectos de consumo mais caros, pois os criados, por mais fieis que sejam, não escrupulisam em tirar estas cousas. Ha um proverbio que diz: — *Provisão, profusão*! Este proverbio he bem fundado quando a dona da casa não tem o animo de fazer o que lhe aconselho, entretanto essa inspecção he facil e pouco fadigosa. Tendo ordem nas idéas, qualquer sem esforço a estabelece em sua casa, porque então distri-

FOLHETIM.

ORIGINAL DO DIARIO DE PERNAMBUCO.

RECIFE 22 DE FEVEREIRO.

A CHOLERA.

A epidemia entre nós tem tido um grande desenvolvimento. O obituario quotidiano he já espantoso; e parece que ella ainda não chegou ao seu apogeo.

Geralmente se attribue o elevado algarismo da mortalidade ao des[illegible] [illegible]os primeiros symptomas, pois que de ordinar[illegible] [illegible]s, só recorrem aos meios que a scienci[illegible] quando já não he tempo.

Os preconceitos da ignorancia contra os estabelecimentos da caridade publica tambem hão coadjuvado o mal na sua horrivel colheita.

Raro he o enfermo que procura um destes estabelecimentos, que com tão louvavel solicitude foram levantados, para reparar e supprir as desigualdades da fortuna.

Com effeito, tome-se indistinctamente um desses *bulletins officiaes* que se publicam todos os dias, e ver-se-ha que, entre cincoenta victimas, não se encontram cinco que tenham sahido desses asylos communs.

Este facto lamentavel verificou-se tambem na Europa em identicas circumstancias, e por isso não admira muito a sua fatal apparição entre nós.

Mas o que he certo he que nestes estabelecimentos levantados á custa dos recursos publicos, se encontram as mesmas, ou maiores vantagens, do que o geral da população possue em suas casas.

Nelles existem os confortos da abastança e até do luxo. Houve um encarregado que elevou o excesso a este respeito a tal ponto, que pedio lenços de seda da India, lençoes de linho fino, serviço de porcelana, etc. Não se lhe concedeu tanto, mas deu-se-lhe o que era necessario e conveniente, e tudo com abundancia, não só para este estabelecimento, como para todos os outros.

O governo teve o cuidado de entregar a direcção desses asylos a homens cheios de dedicação, solicitos, desvelados; de sorte que qualquer pessoa que lá fôr deve contar que achará um tratamento conveniente, e não soffrerá privação alguma.

Se por ventura apparecem abusos, deleixo, negligencia da parte das pessoas encarregadas da economia interna dessas casas communs, devemos confiar que serão immediatamente corrigidos pelas autoridades competentes, logo que destas faltas tiverem conhecimento.

Por outro lado, esses estabelecimentos se acham tambem sob a vigilancia de commissões compostas de pessoas honestas, dotadas de patriotismo e dade.

Além disso, são escrupulosamente inspeccionados todos os dias pelo zeloso e infatigavel presidente da commissão de hygiene publica, que nunca se esquece um instante do cumprimento dos seus deveres.

Certamente, o Sr. Dr. Aquino Fonseca, operario dedicado da sciencia, ornamento resplandecente da sua classe, e cujos trabalhos scientificos já começam a transpor os limites da patria, merecendo distincção honrosa do primeiro estabelecimento scientifico do mundo illustrado, tem desenvolvido, nesta quadra, desde as primeiras noticias da invasão do mal na provincia do Pará, uma actividade inaudita, já indicando os meios adequados para melhorar a salubridade publica, já publicando tratamentos convenientes para combater o flagello; e, apezar dos seus soffrimentos physicos, ainda nao arrefeceu na sua nobre tarefa.

A actividade e solicitude do Sr. Aquino não se tem limitado somente a estes trabalhos. Olinda, Poço da Panella, Monteiro, Apipucos, viram-no mais de uma vez, observando as respectivas condições da salubridade; e quando aqui chegou o aviso da presença da epidemia em Jaboatão e nos seus arredores, o illustre medico não hesitou em ir immediatamente explorar essas localidades, que ficam n'uma zona de seis leguas, sahindo daqui as quatro horas da tarde, e voltando para casa á meia noite do mesmo dia.

São igualmente dignos de louvor os valiosos serviços e a benemerita dedicação do Sr. Dr. J. J. de Moraes Sarmento, medico de uma illustração pouco commum, de uma reputação esclarecida entre nós, e em Paris, onde fez os seus estudos.

O Sr. Sarmento não só tem coadjuvado ao governo nesta crise com as suas luzes, como tambem se lhe offereceu duas vezes para ir á Victoria, nos dias do maior perigo estudar o estado calamitoso daquella cidade.

Não se realisou o seu espontaneo e generoso offerecimento, he verdade; mas não foi por culpa sua,—foi porque o governo entendeu, que, como o mal já começava tambem a desenvolver-se nesta cidade, os desvellos deste digno apostolo da sciencia eram de summa importancia para a grande população da não pequena capital de Pernambuco.

Honra e gloria a estes dous distinctos lidadores da sciencia, a essas duas glorias da medicina do nosso paiz, que não vacillam em sacrificar commodos e a propria existencia em favor daquelles que soffrem, e recorrem aos fructos da sua illustrada experiencia.

Sem embargo de todos os cuidados, de todas as garantias que o governo tem consagrado á população desvalida desta cidade, sem embargo dos conselhos e das prescripções da sciencia suggeridos por estes facultativos prestimosos, o mal vai causando terriveis devastações.

O nosso commercio, outr'ora tão florescente, esta hoje completamente paralysado. As nossas ruas, as nossas praças, sempre cheias de uma multidão deligente, cheia de actividade, de vida, estão quasi desertas e despovoadas: dissereis o dia seguinte de um acampamento devastado pela metralha e pelas balas de vencedor triumphante.

A tristeza, o susto, a consternação, a afflicção, a incerteza do accommettimento do mal são os sentimentos que se divisam em todos os semblantes, marcados em caracteres physicos.

— Já teve a molestia? — He a phrase, a saudação commum, com que todos se comprimentam reciprocamente.

Posto que o mal que nos persegue apresente symptomas do cholera-asiatico, comtudo alguns homens da sciencia ainda vacillam aqui em qualificar a epidemia reinante como tal. Assim, não seria fora de proposito que se submettessem alguns cadaveres a um exame escrupuloso, para verificar-se se os principios morbidos que viciam as fontes da vida entre nós, são os mesmos que na Europa caracterisam o cholera.

Como quer que seja, o que he certo he que a molestia mata cruelmente, e que em todo esse longo transe, nessa tragedia universal, em que ninguem sabe quando chegará a sua vez de ser protagonista, são as classes indigentes, que quasi exclusivamente tem augmentado o immenso rol da mortalidade.

A experiencia nos vai mostrando dolorosamente que esses beccos immundos e apertados, onde o sol e o ar nunca penetram, essas praias sem caes, essas praças sem arvores, essas ruas enlameadas sem calçamento nem esgoto, hão sido mais cruelmente tratadas pela peste, do que as localidades mais favorecidas, as habitações mais arejadas, mais commodas e espaçosas.

A' vista disto, he incontestavel a utilidade, a urgente necessidade de medidas energicas, dictadas pela sabedoria dos homens da arte e da sciencia para adiantar a realisação de melhoramentos reaes e *permanentes*, em que todos se interessassem.

Para este fim, a municipalidade, poderosamente auxiliada pelos cofres provinciaes, e pelas sommas concedidas pelo orçamento geral em favor da salubridade publica, deveria promover alguns beneficos melhoramentos, que extirpassem essas condições morbidas, que tão cruelmente damnificam a importante cidade do Recife.

A formação de companhias poderia ser promovida para levar-se a effeito o alargamento e abertura das ruas, nos bairros da cidade, em que semelhantes melhoramentos offerecem probabilidades certas de lucro. O bairro do Recife he o primeiro que se apresenta ao espirito, e o que reclama mais energicas providencias.

Quanto aos meios de realisar os melhoramentos, que apenas indicamos, e cujo plano geral deve ser elaborado por pessoas habilitadas, com pausa, madureza e reflexão, deixamos a respectiva investigação aos espiritos praticos, aos homens adestrados na organisação dessas associações.

Entretanto, diremos, como para previnir uma objecção que certamente não escapa á acuminosa penetração dos estacionarios, dos homens do *estatu quo*, que o dinheiro não nos faltará para realisar este grande desideratum de uma cidade tão vantajosamente situada e tão mal delineada.

Com effeito, além da mor parte dos predios que devem ser desappropriados terem pouco valor, as companhias que por ventura se houverem de formar para este fim tão util, e em nosso conceito tão urgente, poderiam dar as suas proprias acções em pagamento dos predios de maior valor, que tivessem de ser demolidos na direcção das aberturas e alargamentos projectados.

A municipalidade, coadjuvada pelos cofres da provincia e pelo orçamento geral, poderia auxiliar estes melhoramentos, nos lugares em que o lucro resultante de maiores facilidades de transito, e proprios para estabelecimentos commerciaes e industriaes, não fosse estimulo sufficiente para emprezas particulares ou collectivas.

Tem-se dito muitas vezes, e nós repitiremos: *querer he poder*. Queiramos e poderemos conferir este grande beneficio, que tem por fim transformar um montão informe de ruas estreitas e sinuosas, de beccos e travessas intransitaveis e insalubres, em uma linda cidade, arejada e sadia.

Apertada de todos os lados, como n'um vasto amplexo, pelo Capibaribe e Beberibe, que a cercam, nada ha tão facil como prove-la de commodos despejos e esgotos para as impurezas de uma grande agglomeração de homens com as suas variadas necessidades, com as suas mil industrias.

Lavada por brisas constantes do mar, nada he tão facil como a renovação do ar em seu seio, dispondo-se as ruas o mais possivel na direcção dos ventos, e formando-se um numero sufficiente de praças, que nas grandes cidades podem ser comparadas aos pulmões na economia animal.

A plantação de arvores nas cidades he tambem de grande utilidade hygienica.

As arvores não tem só por fim aformosear a cidade e mitigar o ardor do sol, exercem uma influencia benefica, purificandoo ar atmospherico por meio da absorpção do acido carbonico.

Com effeito, ao passo que os animaes viciam o ar, apoderando-se do gaz oxigeneo necessario á oxidação do sangue, e exhalando o acido carbonico: pela sua parte as plantas, mediante a acção da luz, eliminam da atmosphera o principio nocivo á respiração dos animaes e lhe restituem o oxigenio; resultando deste maravilhoso processo da lei da harmonia universal o restabelecimento da pureza, a ponderação perfeita dos elementos constitutivos do ar respiravel.

Assim, vê-se que o plantio dos arvoredos nas praças, ao longo dos cáes e de todas as ruas, cuja largura permittir, contribuiria poderosa e efficazmente para purificar o ar, tornando-se dest'arte um agente precioso da solubridade publica.

Dest'arte, as feições da nossa cidade se aformoseariam, o pobre respiraria ar mais livre e mais salubre, e a peste não encontraria tanto alimento para sua furia.

He singular que o paiz, onde mais se precisa de sombra, onde a frescura he sempre tão grata e appeticivel, seja tambem aquelle onde em menor apreço se tenha a folhagem das arvores e o gozo que ellas nos podem proporcionar!

N'um paiz, como o nosso, o governo collocado em certa altura, dispondo de tantos meios de influencia e de seducção, deve tomar a dianteira e communicar o primeiro impulso ao carro esplendido do progresso; mas cumpre que este impulso seja tão vigoroso quanto *esclarecido*.

Nada he tão fatal como o imperismo em materias de alta administração e de sciencia, e tão prejudicial como o nepotismo e o favoretismo, tão reprehensivel como a fraqueza e a condescendencia, que quasi sempre se avizinham da immoralidade e do crime, pois que podem acarretar grave detrimento á causa publica, e embargar a realisação completa de medidas altamente reclamadas, só porque se receia offender interesses de poderosos, contrariar os desejos de estupidos dinheirosos.

A gravidade do mal e os sustos razoaveis que elle inspira, tem dado nascimento a mil systemas de curar, a mil composições de diversos elexires para combate-lo; e deste estado em que nos achamos, ha resultado igualmente a apparição repentina de diversas cathegorias de applicadores de remedios.

Em dias da semana passada espalhou-se aqui a noticia de milagres operados, no tratamento da epidemia por um preto escravo do senhor do engenho Guararapes. A noticia foi acolhida com enthusiasmo.

Como era natural, o governo encarregou a um facultativo que fosse ao dito engenho examinar o processo do tratamento, o remedio empregado pelo preto, e averiguasse se os resultados indigitados eram exactos.

Partio o facultativo, observou o negocio, voltou, e communicou ao governo que nada havia admiravel nos resultados obtidos. Então a opinião emudeceu, e se desvaneceram as esperanças ácerca do methodo africano de curar a epidemia.

Entretanto, ha poucos dias desta semana, apresentou-se aqui mesmo nesta cidade outro preto, dizendo que tinha um especifico infallivel para combater o mal. A curiosidade e o desejo, aliás mui natural, de encontrar-se um remedio efficaz que salve tantas vidas imminentemente ameaçadas, fez que alguem mandasse o segundo *curador* applicar o seu maravilhoso elixir em um individuo que se achava atacado.

Com effeito, applicou-o, e dizem que o doente ficou immediatamente curado. A noticia desta cura milagrosa espalhou-se por todos os cantos da cidade; e o povo, sempre inclinado a admittir tudo quanto tem o caracter do maravilhoso, e sem nunca indagar as causas reaes dos factos, tornou-se a tuba de milhares de vozes da fama desse Lazaro da Costa d'Africa! para elle o preto tinha achado a pedra philophar dos alchinistas; e dizia que não havia caso que não fosse curado com o remedio. Dezenvolveo-se um completo phanatimo, uma verdadeira allucinação.

Neste caso empregar o rigor para evitar um ensulto á nossa civilisação, como dizem, era uma emprudencia, que só teria por fim augmentar o prestigio desse novo predistinado; e o melhor e o mais acertado era desenganar esse povo innocente, e sempre ingrato para aquelles que lhe dizem a verdade, com os factos, com a experiencia.

Foi neste sentido que procedeu o governo, mandando o preto a uma das enfermarias ministrar o seu especificio, sob a vigilancia de um facultativo.

Com effeito, procedeu-se á expiriencia, e o resultado foi o nada, a negação absoluta!

Mas as cousas ainda não ficam neste ponto. Fóra desta enfermaria, e em outros lugares o remedio tem sido applicado já pelo proprio *inventor*, já por pessoas particulares, e o resultado tem sido o mesmo,—o nada, a negação absoluta, e o desvanecemento das esperanças concebidas!

Entretanto, os credulos ainda referem casos de cura praticados pelo *curador*; he verdade, queremos acreditar que elle tenha curado alguem; mas cumpre lembrar que a epidimia reinante, sendo atacada logo em principio, perde o caracter, o poder fatal que possue, e o restabelecimento da saude se opera com facilidade.

Ora, o tal preto emprega na composição do seu elixir elementos fortes, e mui estimulantes assim não duvidamos que um remedio desta especie applicado logo no começo do mal produza um effeito benfico; e he isto o que tem acontecido. Mas nos casos graves nada tem elle conseguido.

Desejaramos que elle ou outro qual quer tivesse descoberto um meio que salvasse tantos milhares de victimas, que todos os dias tem a morte diante dos olhos. Nós seriamos os primeiros a proclamar essa descoberta, e a glorificar o seu autor, qualquer que fosse a sua condição. Mas infelismente parece que esses desejos serão vãos, e ficaremos com a triste realidade do mal

Em fim, pensamos que essa credulidade da parte do povo na efficacia do remedio do preto, nas tristes circunstancias em que nos achamos he natural, e que em nada depõe contra a nossa civilisação: he filha do instincto que sempre leva o homem a procurar um allivio para os males que soffre.

No meio das tribulações das incertezas da vida e das agonias que causa o flagello, o homem appella para Deos, e só encontra consolação nas esperanças da religião, na doce convicção dos premios da bemaventurança, que a bondade divina reserva para o justo.

Com effeito, hoje mais que nunca os nossos templos se enchem de gente, que vão supplicar a Deos a extincção da epidemia; e o da Penha, onde se acha exposto á adoração dos fieis o Santissimo Sacramento da Eucharistia, he o mais concorrido.

A ceremonia do S. S. Sacramento exposto em adoração por espaço de 40 horas, no tempo de peste, em memoria das 40 horas em que Jesus Christo esteve morto no sepulchro, foi celebrada pela primeira vez na cidade de Milhão na Italia, pelo Rvd. capuchinho Fr. José de Milão; e o duque Francisco II. de Milão concorreu muito para que esta devoção se desenvolvesse.

A pompa e a solemnidade com que o S. S. Sacramento era exposto nas igrejas daquella cidade era tão despendiosa, que foi necessario prescrever limites ás grandes despezas.

O Pontifice Pio IV. por um decreto confirmou a exposição do S. S., que depois foi praticada pelo Archiconfraria da Oração e da Morte, á imitação dos 40 dias que Jesus Christo jejuou e orou no Diserto; e o Pontifice Clemente VIII. ordenou que tal exposissão fosse celebrada em todas as igrejas de Roma por ciculos, de sorte que em todos os dias do anno em Roma, Napoles, Palermo, Messina, Milão, etc. etc. se achasse exposto o SS. Sacramento em Laus-perennis.

He costume na Italia collocar-se o retabulo, ou retrato do S. S. Sacramento nas immediações da igreja onde está exposto afim de advertir ao povo que deve conter-se e evitar algasarras e falta de respeito.

O missionario Fr. Caetano de S. Messina, todas as madrugadas, por meio de praticas energicas e edificantes, tem explicado a utilidade e excellencia de semelhante devoção, filha da pura fé chattolica apostolica romana, e procura ao mesmo tempo excitar os sentimentos de piedade no coração dos fieis, recommendando-lhes a abenegação e os actos de caridade, verdadeira base da nossa religião.

O templo se enche literalmente de povo, e he tal a devoção, o respeito, a contricção, o silencio que reina nessa immensa multidão, que só pode ser attribuido ao poder pestigioso de que goza o sacerdote digno deste nome: he um espetaculo pio veneravel, rescendente do perfume da fé immaculada.

Fôra conveniente e nessario que esta santa exposição fosse praticada em todas as igrejas, mas cumpre lembrar, que a natureza da devoção exige toda a modestia, compostura e silencio. A adoração deve começar ás 4 horas da tarde e concluir-se ás 7 da noite indispensavelmente, para evitar-se qualquer falta de respeito, ou profanação.

(*Abdalah-el-Kratif.*)

MELHOR EXEMPLAR ENCONTRADO
MUTILADO

bue bem o emprego de todas as suas horas.

Uma boa dona de casa deve levantar-se cedo e consagrar as primeiras horas do dia á casa e a familia; importa tanto quanto for possivel que os projectos para o dia sejam feitos pela manhãa; pois a irregularidade e capricho nas idéas trazem infallivelmente a desordem da casa. Cumpre pois que possa dizer se janta em casa, se janta na cidade; se está só, se tem visita, em uma palavra todas as cousas em que o concurso dos criados he indispensavel.

Vossê deve saber a lenha ou o carvão que cada fogo consume no inverno e sua cozinheira cada mez, para poder regular para isso a provisão que deverá fazer no fim do verão, quando estes combustiveis estão menos caros. Conheço casas mui bem ordenadas, nas quaes todos os mezes dá-se, a cozinheira em dinheiro a somma necessaria para a lenha da cozinha, e que se acham mui bem com esse methodo, o que comprehendo sem difficuldade, porque assim sabe-se exactamente o que se gasta, e a cozinheira habitua-se tambem a economia, pois lucra se a faz.

Acostume-se a fazer por si mesma ou a mandar fazer a sua vista toda a sua roupa, só exceptuo desta regra os vestidos de grande ceremonia, não só por que assim sera muito melhor vestida senão tambem porque podera economisar muito mais dinheiro para o bem estar de sua casa. Se permanecer sempre rica, minha filha, este habito a fara dirigir melhor sua criada, e contribuira para para desenvolver-lhe o gosto, ao passo que se pelo contrario, a sorte a abandonar a um interior modesto, podera por sua destreza ser sempre, assim vossê como seus filhos, tão elegantemente vestidos como os de suas amigas que forem muito mais ricas.

Faça conservar, ou conserve vossê mesma com cuidado a sua roupa branca e a de casa; uma mulher laboriosa e attenta fa-la sempre durar muitos annos mais que uma mulher preguiçosa e descuidada, o que evita grandes despezas.

Finalmente use de economia em tudo e por toda a parte, senão por gosto ao menos por virtude, pois que a economia traz sempre comsigo a caridade. Não he este um de seus menores privilegios, por quanto qual he o balsamo do coração senão uma boa acção? Pense pois muitas vezes em seus pobres irmãos em Deos opprimidos pela miseria, estabeleça, segundo os meios de que poder dispor, caridades regulares; não he o dar muito, porém o dar bem que cumpre saber. Quer, minha filha, que lhe cite em apoio dos meus os conselhos que o marquez de Condorcet, no leito da morte, dava á filha a este respeito?

Ei-los!

« O habito das acções de bondade, e das affeições ternas he na mulher a fonte da felicidade mais pura e mais inexgotavel; elle produz um sentimento de paz, uma especie de prazer santo que derrama seus encantos sobre todas as occupações da vida, e até sobre a mais simples existencia.

« Contrahi pois cedo, minha filha, o habito da beneficencia, como complemento de vossos deveres internos, mas de uma beneficencia esclarecida pela razão e dirigida pela justiça.

« Não deis para livrar-vos do espectaculo da dor e da miseria, mas para consolar-vos pela felicidade de tê-las alliviado.

« Não vos limiteis a dar dinheiro, mas em caso de necessidade sabei dar tambem vossos cuidados, vosso tempo, vossas luzes, e essas affeições consoladoras serão quasi sempre mil vezes mais preciosas do que soccorros. Então vossa beneficencia não será mais limitada como o he vossa fortuna; tornar-se-ha independente desta, e será para vós um gozo. Aprendei principalmente a exerce-la com essa delicadeza, com esse respeito pela desgraça que duplicam o beneficio e ennobrecem o bemfeitor aos seus proprios olhos. Não esqueçais jamais que aquelle que recebe he perante Deos o igual daquelle que dá; que todo o soccorro que arrasta comsigo dependencia não he mais um dom, porem um mercado e que se humilha, torna-se uma offensa.

« Bem vêdes, minha filha, que esses sabios conselhos encerram as palavras que ja vos disse, que para ser verdadeiramente caridoso, não he dar *muito* porém dar *bem* que se deve saber. »

Assim, se fizer por si mesma, ou se mandar fazer a sua vista, seus vestidos, seus toucados, etc., lhe restarão uma multidão de retalhos, de pedacinhos de fita, bico, etc., que poderão servir para vestidinhos e touquinhas que poderá dar ás mais infelizes, cujos filhinhos não tiverem estas cousas; será uma obra agradavel a Deos, e que resgatara diante delle muitas faltas. Bem o vê, minha filha, importa ser regrada, activa e engenhosa para ser verdadeiramente boa.

Mas para chegar a aproveitar meus conselhos, he necessario antes de tudo que saiba regular suas despezas, e, para isso deveis, no primeiro de cada mez fazer a divisão exacta da somma que tens a gastar, pois poderia enganar-se se quizesse servir-se de mais alta escala. Emfim ponha regra em todos os seus projectos e em todas as suas acções.

Seria bom que a gente não tivesse nunca que contar com a fortuna; mas como a sua he limitada, sugeita-a a reflexões serias se quizer sempre ver brilhar a prosperidade em torno de si. Seja pois comedida em suas despezas; pois se não for moderada em fazelas, verá logo metter-se a desordem em seus negocios; logo que não tiver mais economia, não poderá responder por cousa alguma.

O fausto superior aos meios arrasta a ruina e a ruina he quasi sempre seguida da corrupção dos costumes. Pelo contrario, a boa ordem faz os grandes lucros, e dá a uma mulher aos olhos de todos uma dignidade, um encanto, um respeito mesmo, cuja importante influencia ella experimenta toda a vida.

Corte por seus gostos e por seus prazeres para ter com que satisfazer os sentimentos de generosidade que toda a pessoa que tem o coração bem formado deve ter, isto he, para poder servir aos amigos em caso de necessidade.

« Tenho poucos bens, dizia Plinio, e sou obrigado a fazer muitas despezas, mas tenho ajuntado um capital de frugalidade e he delle que tiro es obsequios que faço a meus amigos. »

Seja pois o seu capital a ordem e a simplicidade bem entendidas. Não escute as fallazes precisões de sua vaidade; commummente se diz: *cumpre ser como os outros*, mas repare, esse *como* estende-se muito longe! Creia-me, tenha uma emulação mais nobre, não consinta que ninguem tenha mais amabilidade, mais bondade, mais ordem e rectidão do que vossê. Emfim, sinta a necessidade da virtude e diga incessantemente que a pobreza da alma he mil vezes peior do que a da fortuna.

A ordem e o asseio que fizer reinar em sua casa, minha filha, devem tambem acompanha-la por toda a parte; assim, se por uma circumstancia qualquer se comprometter a ir passar muitos dias em casa de alguma de suas amigas, he primeiramente de bom gosto conformar-se immediatamente com os habitos da casa e seguir todos os usos que dahi resultarem, taes como: dobrar o guardanapo na mesa, etc., etc., mas aquillo em que deve mais esmerar-se he no quarto que occupar, e não deixe jamais a casa sem o visitar antes de retirar-se, afim de ver se sua criada tem posto tudo na melhor ordem, pois depois de sua partida, os criados e mesmo algumas vezes os annos, zombam do estado em que senhoras pouco cuidadosas restituem os quartos por ellas occupados, negligencia que mostra tanto mão gosto como pouco delicadeza.

Adeos, minha chara filha; amo-a com toda a ternura que mostra para comigo, e mil vezes mais ainda pelo desejo que tem de aprender o que he bem e o que he bom, pois segue assim a impulsão de uma alma recta e de um coração elevado.

Condessa de Bassanville.

Sciencias e artes.

Os bancos de circulaça'o

Por Mr. Alfredo Damiron

Os bancos da ciculação foram criados recentemente; o mais antigo não tem muito mais de seculo e meio de existencia. Todavia sua historia já he, para parodiar um dito celebre, o martyrologio dos povos commerciantes. Suas datas principaes são as crises de toda especie, de que na verdade não são cousa immediata, mas que nunca poderam prevenir nem impedir.

O que tem sustentado até agora os bancos de circulação, o que os tem impedido de desapparecer a cada crise, não he seu capital em especies metallicas, a qual embora haja sempre crescido, tem sido sempre insufficiente.

Esses estabelecimentos tem achado todas as vezes a salvação no facto que os domina e que os faz viver, na circulação das notas acceitas mais ou menos voluntariamente pelo publico. O que prova que o valor de um instrumento de circulação depende sobretudo de acceitação.

Para traçar um quadro completo da historia dos bancos conviria segui-los anno por anno em suas vicissitudes. Obrigado a restringir nos, somente podemos dar os factos principaes e as datas mais recentes.

Na rapida revista que vamos traçar adoptaremos a ordem chronologica por ser mais commoda, e ao mesmo tempo a mais demonstrativa.

Pequena historia dos bancos de circulação.

27 de Julho de 1694.—Fundação do Banco de Londres. O plano adoptado foi o de William Paterson, o qual pode assim ser considerado o promotor dos bancos de circulação.

1695—Fundador do Banco da Escocia.

1696—Crise em Londres produzida por uma refundição de moedas. As notas do Banco perdem 20% Para remediar a crise o governo auctorisa o Banco a augmentar o capital.

1708. — Estabelecimento na Escocia de grande numero de bancos livres de circulação. Tomam por base a circulação das notas muito mais do que a possessão de grande capital

2 de Maio de 1716. — Instituição de um Banco de circulação em França segundo o plano do Escocez Law, discipulo de William Paterson.

4 de Dezembro de 1718. — O Banco de Law he declarado Banco real.

1720. — Queda do Banco de Law. O *Systema*, como dizia-se, parece ter succumbido pelo odio do trabalho, e pelo amor da agiotagem de que em todos os tempos temos dados provas. As ideas de Law no ponto de vista de sua epoca eram ellas que tinham sido precedentemente applicadas na fundação do Banco de Londres. Seja como for, a queda do *Systema* obstou á instituição de bancos em França por mais de cincoenta annos.

1745.—Crise na Inglaterra causada pela expedição do principe Eduardo. O Banco de Londres he salvo pelos negociantes, os quaes obrigam-se por uma declaração escripta e assignada «a receber em todas as circunstancias as notas do Banco, e a fazer com que seus freguezes as recebam. »

24 de Março de 1776. — Estabelecimento em França de um Banco de circulação sob o nome de Caixa de desconto.

1787. — O capital da Caixa de desconto he augmentado; o governo lhe toma emprestado sob pretexto de dar mais garantia as notas emittidas. »

1789.—A Caixa de desconto he envolta na ruina geral da fazenda.—Regimen da liberdade dos bancos.

1790.—Fundação nos Estados Unidos de uma instituição central sob o nome de *Bancos dos Estados Unidos*. Todavia conserva-se a liberdade dos bancos. Por isso em quarenta annos de 1790 a 1830 formam-se nos Estados Unidos 328 bancos.

4 de Agosto de 1793. — Suppressão em França da Caixa de desconto.

1793 - 1794.—Embaraços assaz graves produzidos em Londres pela queda de grande numero de bancos provinciaes, e pelos emprestimos contrahidos pelo governo inglez para sustentar a guerra contra a Republica franceza. Para sustentar-se o Banco de Londres augmenta sua circulação emittindo pela primeira voz acções divididas em partes de 5 libras.

31 de Dezembro de 1795. — Apezar destas medidas o Banco de Londres he obrigado a restringir seu desconto, e o reembolso de duas notas contra moeda.

1796.—Estabelece-se em Paris uma associação formada sob o nome de *Caixa das contas correntes*.

27 de Fevereiro de 1797.—O Banco de Londres suspende seus pagamentos. Uma assemblea de mercadores, banqueiros, e outros negociantes presidida pelo chefe do conselho municipal declara «que — em nenhum caso recusarão receber em pagamento as notas do Banco, e que farão todos os esforços para effectuar os pagamentos da mesma maneira. »

1797. — Multiplicação rapida dos bancos provinciaes na Inglaterra. Ella explica-se pela necessidade cada vez maior na circulação. A emigração do numerario da impulso ao movimento das notas.

13 de Fevereiro de 1800.—Um decreto dos consules decide a formação de uma companhia para fazer sob o titulo de *Banco de França* o serviço do commercio. Sob a pressão do novo governo a Caixa das contas correntes faz com o novo estabelecimento o que depois se chamou *uma fusão*.

1803.—Leve crise commercial em França. O governo consular toma este pretexto para atacar os bancos livres, que existem em Paris e que emittem todos notas para serem pagas ao portador e a vista.

24 de Abril de 1803.—Uma lei decide que só o Banco de França terá o direito exclusivo de emittir notas.

1805.—Crise em França causada pelo boato de que o imperador tomara e levara á Allemanha para alimentar sua caixa militar as reversas do Banco. O Banco restringe seus descontos. Torando-se o terror mais forte, elle he obrigado a limitar o pagamento de suas notas a 500,000 francos por dia.

22 de Abril de 1806.—O Banco de França recebe nova organisação. O imperador a quem muito assustara a crise do anno precedente, augmenta-lhe o capital, e nomea-lhe um director.

1810.—A crise do Banco de Londres chega ao seu apogeo. Uma commissão nomeada pelo parlamento conclue que o Banco seja convidado a recomeçar seus pagamentos em especies metallicas. As notas excedendo as necessidades da circulação perdiam de 13 a 15 %.

1811.—Discussão sobre a situação do Banco no seio do Parlamento inglez. A Camara dos communs declara ao publico que a differença verificada entre o valor das notas, e das barras não provem de depreciação das notas, porem da elevação do preço das barras » Ricardo publica o folheto intitulado: « O alto preço das barras he uma prova da depreciação das notas, » cuja conclusão he o aphorismo tão conhecido: « A moeda no estado mais perfeito he de papel. »

1812 — Crise commercial em França. « O commercio, diz Mr. Courcelle Seneuil, presentia a queda do imperio, e o Banco encaminhava-se para uma liquidação. »

1814.—A crise chega ao apogeo em França. O capital na caixa do Banco he reduzido a 5 milhões. Elle he salvo pelos negociantes de Paris, os quaes tomam-lhe a direcção sob a presidencia de Jacques Lafitte.

1818.—Crise em França. A queda do systema continental da impulso ao trabalho e a especulação. O Banco que não pode seguir o movimento toma a resolução de reduzir a 45 dias o termo das letras admittidas ao desconto. O capital em caixa que poucos mezes antes fora de 117 milhões, era apenas de 34 milhões.

1819.—Por proposta de sir Robert Peel o Banco de Londres he obrigado a recomeçar progressivamente seus pagamentos em especies metallicas. A suspensão dos pagamentos durara 23 annos.

Abril de 1825.—Crise em Inglaterra e França. O Banco de Inglaterra restringe seus descontos. Diminuição rapida de seu capital em caixa. Ruina dos principaes bancos de Inglaterra. O Banco está prestes a suspender seus pagamentos.

14 de Dezembro de 1825.—O Banco da Inglaterra he salvo pela emissão de 600,000 libras em notas de 5 libras descobertas no ultimo momento.

1826.—Desenvolvimento rapido dos bancos livres na Escocia. Verifica-se que no espaço de mais de um seculo os fallimentos dos bancos não fizeramo publico perder mais de 36,000 libras.

1826.—Os bancos provinciaes são dispensados na Inglaterra da obrigação de tirarem licença. Em dez annos seu numero augmenta rapidamente, em 1837 eleva-se a quasi 100 não comprehendido um numero ainda maior de filiaes.

Fevereiro de 1837.—Crise geral. O capital em caixa do Banco de Inglaterra desce a 4,032,000 libras. Elle he salvo pelo augmento de suas emissões.

. . . 1837.—Ruina dos bancos nos Estados Unidos pela guerra de morte que lhe declarou o general Jackson. Os americanos não se desanimam: no anno seguinte, 1838, a União conta 677 bancos.

Abril de 1844.—Triumpho de uma escola financeira conhecida em Inglaterra sob o nome de *Escola metallica*. Sir Robert Peel obtem do Parlamento um bill, que limita as emissões do Banco de Inglaterra. Prohibe-se estabelecer nenhum outro banco de circulação no Reino Unido. Tendencia para a centralisação dos bancos.

1845.—O bill que restringe a emissão dos bilhetes alcança os bancos da Escocia. São obrigados a não excederem um maximo determinado salvo se tiverem em caixa uma somma igual ao excesso de sua circulação de papel. Antes desta lei o capital em caixa estava habitualmente para a circulação na relação de 7 para 1. Dahi em diante o capital augmenta na relação de 5 para 1.

1846. — Crise das substancias. Diminuição rapida do capital em caixa do Banco de França. Em seis mezes chega a 172,847,000 fr.

14 de Janeiro de 1847.—O Banco de França eleva a taxa de seu desconto a 5 0/0.

25 de Outubro de 1847.—Augmento nos pepidos de desconto ao Banco de Inglaterra. Para evitar a ruina dos bancos forçoso é suspender o bill de 1844 que limita a emissão das notas.

Dezembro de 1847.—O Banco de França, apezar da continuação da crise, tornala por a taxa do desconto a 4 0/0.

24 de Fevereiro de 1848.—Catastrophe financeira. Queda dos grandes bancos em Paris e nos departamentos. O Banco he ameaçado do segui-los em sua ruina.

15 de Março de 1848.—O governo provisorio salva o Banco de França. Estabelecimento do curso forçado; emissão de notas divididas em partes de 100 fr., emissão fixada em 350 milhões.

26 de Março de 1848.—O beneficio do curso forçado he estendido aos bancos departamentaes.

2 de Maio de 1848.—Decreto que absorve os bancos departamentaes no Banco de França. » O decreto de 2 de maio, observa um economista, obrava mais e melhor em seu favor nos departamentos do que fizera em Paris a lei de 24 Germinal do anno XI. »

22 de Dezembro de 1849.—Preferencia que obtem as notas de banco sob o regimen do curso forçado, posto que o banco tenha recomeçado seus pagamentos em especies metallicas. O ouro e a prata amontom-se nas adegas do Banco de França. O governo he obrigado a permittir ao banco que eleve a 525 milhões a cifra de suas emissões.

6 de Agosto de 1850.—O Banco de França recomeça seus pagamentos em especies metallicas. Apezar disso o publico continua a preferir as notas, e o capital em caixa a augmentar: a 2 de outubro de 1851 o capital em caixa chega a cifra de 626 milhões; excede durante alguns dias 110 milhões a somma das notas.

3 de Março de 1852.—Reducção da taxa de desconto do Banco de França a 3%. Continua o augmento do capital em caixa: as adegas redundão de numerario.

7 de Outubro de 1853.—Crise alimentaria. O Banco de França torna a elevar a taxa de desconto a 4%.

20 de Janeiro de 1854.—Continuação da crise. O Banco eleva a taxa a 5%.

12 de Maio de 1854.—A taxa do desconto do Banco volta a 4 0/0.

4 de Outubro de 1855.—Nova crise alimentaria. O Banco eleva novamente a taxa a 5 0/0, elimita a 75 dias o termo das letras admittidas ao desconto.

Muitos factos resahem deste quadro da historia dos bancos de circulação.

O primeiro, que tem sido assignalado por muitos outros he que os fundos metallicos desse bancos tem sido desde o começo garantias puramente illusorias. Sempre, apezar de suas reservas, ou antes por causa dessa reserva, os bancos de circulação se tem visto collocados na alterativa ou de suspenderem os pagamentos, ou de reclamarem o curso forçado (1).

O segundo he que mui longe de darem remedio as crises, os bancos de circulação aggravam—nas pelas medidas que tomam. De facto no momento em que o commercio mais necessita de seu socorro he que elles empregam todos os meios possiveis para restringirem seus serviços: augmento da taxa de desconto, recusa de especies metallicas, diminuição do termo das letras admittidas ao desconto, etc. Podem obrar de outra maneira? Não; ja o demonstrámos a proposito das medidas tomadas recentemente pelo Banco de França: o preconceito e a rotina que exigem que todo o banco de circulação tenha uma reserva metallica, força os bancos a impedirem por todos os meios a sahida da mesma. Quando o capital em caixa ameaça dissipar—se, elles só tem um recurso: he tomar precauções contra o publico. A todas as crises, sejão quaes forem, os bancos accrescentão desde seculo e meio que existem, uma crise monetaria.

O terceiro facto que resulta do quadro precedente he quando tem faltado ao publico a reserva metallica dos bancos, este tem feito sempre por passar sem ella. Isto vio—se em Inglaterra durante o periodo de 1797 a 1822 e em França de 1848 a 1849. Na verdade durante os vinte e tres annos da suspensão dos pagamentos do Banco de Inglaterra as *bank notes* perderam mais ou menos no cambio; porem isso dependeu da maneira pela qual forão feitas essa emissões O Banco de Inglaterra não tinha de alimentar somente o commercio britanico; tinha sobretudo de responder aos pedidos multiplicados do governo. Dahi resultou uma falta de equilibrio entre a cifra das notas de banco e a das letras de commercio.

Se o Banco de Inglaterra houvesse limitado suas emissões as necessidades da circulação commercial, sem duvida suas notas terião sido sempre acceitas ao par. O que aconteceu em França em 1848 assim no-lo faz crer: o desconto das notas de banco durou apenas alguns dias, ellas pozeram-se rapidamente ao par, e por fim erão preferidas as especies metallicas a tal ponto que estas forão entulhar as adegas do Banco.

Emfim o quarto facto, e o mais importante he o phenomeno que se manifesta quando declara—se uma crise financeira. O trabalho e a especulação parão um momento; suspensa a circulação, parece quebrada a mola que põe em movimento a intelligencia e os braços. Depois á vista das necessidades que essa suspensão crea, um recurso nunca deixou de ser empregado. A moeda metallica que desapparaceu he substituida espontaneamente muitas vezes mesmo de commum acordo pela sua subsituta a nota de banco. O trabalho recobra logo sua animação, e muitas vezes o impulso mesmo que lhe he dado produz riquezas e progressos. A crise metallica de 1745, a de 1797-1822 forão para a Inglaterra epocha de progressos industriaes. Em França não consta que a crise de 1848-49 tenha retardado a marcha da prosperidade publica. Pelo contrario está provado que depois do primeiro momento de susto, os negocios paralysados pelas crises de 1846 e de 1847 tornaram-se mais brilhantes do que nunca.

« Reportando-nos, diz Mr. Audiganne chefe da repartição da industria no ministerio do interior, ao fim da campanha industrial de 1850 antes que as inquietações nascidas de uma situação politica então difficil e incerta tivessem alterado o curso natural das transacções economicas, notamos em todas as industrias prodigiosa actividade. A'excepção das fabricas metallurgicas paralysadas pela diminuição dos trabalhos das estradas de ferro, por toda a parte se tinhão ateado os fogos extinctos, e as machinas immoveis havião recobrado o passo costumado. Tinhão abundado as encommendas nas fabricas de fiação e de tecidos. O linho e o canhamo em particular em 1849 e em 1850 tiveram dous annos de mui alta prosperidade. O fabrico não experimentou nenhuma das crises interiores que produzindo a falta de trabalho, e restringindo o salario pago aos obreiros tirão-lhes, como diz Mr Faucher, *alguma cousa de seu suor e de seu sangue*. Alem disto o pão e os generos de primeira necessidade não cessão de estar a baixo preço.

Não he a moeda metallica que incita o movimento economico, he o trabalho e depois delle a circulação dos productos.

O que da impulso a producção nos momentos em que falta a moeda metallica, he que a circulação dos productos torna—se mais activa, e o espirito de empreza recebe maior excitação. Quasi todas as crises hão sido marcadas por invenções e decobertas. Este facto he mui sabido e mui facil de explicar-se; por isso não nos demoramos com elle um só instante.

Um facto não menos indubitavel he que os vicios que resultão da organisação dos bancos de circulação são cada vez mais sentidos. Novas necessidades tem nascido do desenvolvimento das forças economicas que tornão esses vicios mais salientes. Por isso o espirito de indagação tem dispertado de todas as partes. Pergunta—se qual deve ser a vista dos factos novos a organisação dos bancos.

Essa organisação deve corresponder as tendencias que se manifestão sob o imperio das necessidades no mundo industrial e commercial. Quaes são essas necessidades; quaes são essas tendencias? He o que procuraremos mostrar em outro artigo.

(Da Presse)

(1) Emilio Girardin, *Banco rational*. Presse de 5 de Outubro de 1855.

Variedades.

ORIGEM E INAUGURAÇA'O DA LEGIA'O DE HONRA EM FRANÇA.

(Por P. C.)

Um jantar em Malmaison.—Dialogo entre Bonaparte, Monge e Denon.—Primeiro ballão de ensaio.—A Legião de Honra no Conselho de Estado, no Tribunato e no Corpo Legislativo.—Os opposionistas.—Um epigramma de Moreau. — A distribuição das cruzes nos Invalidos e no campo de Bolonha. —Os cravos encarnados.— O livro de M. Mazas.

Bonaparte era ainda primeiro consul e habitava o castello de Malmaison com Josephina, entretanto que suas victorias preparavam-lhe a coroa imperial e seus architectos restauravam-lhe o palacio de *Saint-Cloud*.

Em uma segunda feira do mez de fevereiro de 1802, o vencedor de Marengo recolheu-se depois das seis horas da tarde a Malmaison. Findo o jantar, a sociedade que ahi estava reunida dividio-se em dous circulos.

Madama Bonaparte ficou no salão da familia com as senhoras convidadas e alguns homens, entre outros Mr. de Ségur, ex-coronel dos dragões de Nouailles, então senador e mais tarde grão-mestre das ceremonias, um dos personagens amaveis desse tempo.

O primeiro consul levou para a salla, chamada do Conselho, decorada de tropheos de gloria por Percier, a Monge, inspector da Escola Polytechnica, o general Duroc, Diderot, conselheiro de Estado, Denon, director do Museu e Arnault, o poeta tragico.

Todos se collocaram diante de Bonaparte, e este fallando em pé, segundo o seu costume, disse ao sabio Monge:

— Não vos vi hontem nas Tulherias na grande recepção dos embaixadores.

O inspector da Escola Polytechnica desculpou-se com os trabalhos que o tinham occupado todo o dia.

— Reconheço nisso o vosso zelo, replicou o consul; mas perdestes um bello espectaculo. Graças a paz, todos os representantes das potencias estavam ahi ornados das fitas e placas das differentes ordens do mundo. Como achastes esse quadro, Denon?

— Maravilhoso! Nada veste melhor um homem como essas cores vivas e essas cruzes esmaltadas.

— Preconceito de artista! disse o republicano Monge; essas condecorações são verdadeiras teteias.

— Não obstante isso, continuou Bonaparte, a humanidade as admira e ama; ellas são aos seus olhos os signaes ostensivos da grandeza. Tratemos francamente a questão. As distincções agradam a todos os homens; os francezes são apaixonados dellas: tal foi sempre o seu caracter. Sabeis com que Luiz XIV pôde resistir á Europa inteira ligada contra a França? Com o dinheiro da cruz de S. Luiz!

E o primeiro consul desenvolveu este pensamento com um calor extraordinario, como homem versado nas menores particularidades de nossa historia, e que desenrolára com o general Clarke nas conferencias de Udina, a genealogia de todas as grandes familias da Europa.

— Pois bem! cumpre restabelecer a cruz de S. Luiz, disse ironicamente o Monge, antigo membro da commissão que a abolira em 1793.

Bonaparte não respondeu uma só palavra. Encarou o sabio de um modo todo particular, dizendo sem duvida comsigo a parte:

— Em vez de desenterrar uma ordem morta, fundarei uma nova, da qual serás o primeiro membro.

Depois entrando no pequeno salão, disse:

— He tempo de ajuntar-nos a essas senhoras.

O ballão de ensaio estava lançado. O primeiro consul esperou dous mezes.

No fim desse tempo, em um conselho ao qual assistiam com os tres consules, Luciano, Regnaud de Saint-Jean d'Angély, Berthier e muitos grandes politicos, elle fallou pela segunda vez na importancia das condecorações e annunciou o seu projecto de crear uma ordem analoga as que existiam na Europa. Cambacéris e Regnault apoiaram-no vigorosamente. Este fechou a bocca aos opposicionistas republicanos, dizendo que os Estados-Unidos haviam completado suas instituições democraticas pela ordem de Cincinnatus.

Aos 4 de maio, Roederer leu no Conselho de Estado o *projecto de instituição da Legião de Honra*. Bonaparte explicou os motivos delle em um improviso que terminou por estas palavras:

— A Legião de Honra será o começo da reorganisação da França.

Era isso declarar que tudo devia ser reformado e colocar a cruz na chave da abobada do futuro imperio.

Pedindo o general Matheus Dumas, que a condecoração fosse exclusivamente militar, o vencedor de Marengo respondeu-lhe exaltando o valor civil, intellectual e moral, com razões sem replica em uma bocca como a sua.

Nas sessões que se seguiram foi ainda mais eloquente e mais decisivo.

Todavia o projecto não foi salvo do adiamento senão por 15 votos contra 9.

No tribunato foi adoptado por 56 votos contra 38, e no corpo legislativo por 166 contra 110, isto he, pela maioria de 60 votos apenas.

Assim mesmo a Legião de Honra não devia ser organisada senão dous annos depois, quando as finanças do Estado permittissem dota-la de uma renda de seis milhões.

Durante esses dous annos, a opposição fez o que pôde. De todos os extremos da opinião choviam os nevoeiros sobre a estrella antes que ella apparecesse no firmamento.

— Paciencia! paciencia! dizia Bonaparte, o signal da honra não será trazido por quem o quizer. Aquelles que hoje o ridicularisam hão de solicita-lo amanhãa, elle será a ambição de todos na Europa.

Moreau distinguia-se a frente dos satyricos. No fim de um jantar que dera em 1803, chamou o seu cozinheiro e disse-lhe diante de todos os convivas:

— Estou muito satisfeito de ti, Miguel; eu te darei uma cassarola de honra.

Concebe-se que Bonaparte não tivesse jamais esquecido essa injuria.

Madama de Stael, Benjamin Constant e Mr. de Montlosier, pagaram com o exilio seus sarcasmos contra a Legião de Honra.

Entretanto chegou o dia em que o astro, terminando sua carreira, espargio torrentes de luz sobre seus maiores blasphemadores.

Nesse dia Bonaparte não era mais primeiro consul; Nepoleão era imperador e senhor do mundo!

Aos 14 de julho de 1804, na propria hora em que a antiga sociedade se desmoronara com os muros da Bastilha, a sociedade nova tornou a levantar-se com a Legião de Honra.

Como esse dia tivesse cahido em um sabbado, a ceremonia foi adiada para o seguinte pela manhãa.

Ella teve lugar na capella dos Invalidos, no lugar em que hoje repousa Napoleão, debaixo dos auspicios da religião e do clero, diante do altar que he a pedra angular de toda a instituição duravel.

Depois de uma grande revista no Carrousel, o imperador chegou a cavallo aos Invalidos atravez de uma multidão innumeravel e subio ao throno que lhe estava preparado no côro. Em uma tribuna da frente estavam a imperatriz Josephina e sua filha Hortencia, casada ha dous annos com Luiz Bonaparte. A igreja encheu-se de todos os dignatarios e de todas as summidades da França. Dos dezoito marechaes do imperio apenas quatro estavam ausentes nos campos da batalha. O cardeal Caprara disse a missa, como representante do cardeal Dubelloy, arcebispo de Paris, que levara seus 94 annos ao lugar da reunião.

Depois do evangelho, um homem levantou-se; era o grande chanceller da ordem, Mr. de Lacépède, do Instituto, o continuador de Buffon. Napoleão quiz collocar a intelligencia no vertice da Legião de Honra. Lacépède pronunciou o discurso de inauguração, e fez a lista nominal dos grandes officiaes, os quaes prestaram diante do throno o juramento dos estatutos.

Depois o imperador, cobrindo-se, fallou tambem como costumava fallar nessas occasiões, e lendo a formula do juramento aos legionarios, bradou-lhes:

— *Vós o jurais.*

Todos responderam a uma so voz:

— *Assim o juro.*

Acabado o officio, duas vastas bacias foram levadas aos pés do throno, uma de ouro contendo as cruzes de ouro dos officiaes, a outra de prata, contendo as cruzes de prata dos simples membros. Os attributos e devisa eram os mesmos para as duas insignias: as bandeiras em feixe, a effigie de Napoleão e as palavras *Honra e Patria* adoptadas da velha gloria monarchica.

Mr. de Segur, grão-mestre das ceremonias tomou uma cruz de cada metal, e entregou-as a Mr. de Talleyrand-Périgord, camarista mór; este entregou-as a Luiz Bonaparte condestavel do imperio e esse ultimo collocou-as no peito de Napoleão.

Tres salvas de acclamações abalaram as abobodas da igreja.

Então começou a distribuição.

Os soldados invalidos abriram a marcha. Vieram depois os membros do Instituto, estreando o vestuario que ainda conservam.

Eram: Monge, esse inimigo das teteias que recebeu com alegria a de grande official (1); Berthollet, Vauquelin, Guyton-Morveau chimicos; Cassini, Costatz, Lagrange e Prony, geometras; Laplace, Fourier e Legendre, mathematicos; Mechain, Labande e Delambre, astronomos; Bossuet, professor de engenharia; Barthez, Fourcroy, Pelletau, Hallé, Sabatier, Pinel e Portal, medicos e cirurgiões; Hauy, mineralista; Parmentier, o vulgarisador da batata, Aadamson, Jussieu e Thouin, botanicos; Geoffroy-Saint Hilaire, Daubenton e Cuvier, grandes naturalistas; Lefbrre-Gineau, phisico; Buache, geographo; Conté, mechanico, inventor dos creões; Mongolfier, administrador da escola das Artes e Officios; a sombra de La Harpe, condecorado, e morto seis mezes antes da inauguração; os litteratos Collin d'Harville, Boufflers, Chenier, Andrieux, Suard, Lebrun, Fontanes, Legouvé, Arnault, Anquetil, Larché, Bitaubé, Dacier, Laport-Dutheil, Ameilhon, Anquetil-Duperron, Pastoret, Danse de Villoison, Silvestre de Sacy, Levesque, Gosselin, Champagne, etc, etc.; os artistas: David, Van Spaendonch, Vincent, Regnault, Visconti, Valenciennes, Menageot, Redouté, Lagrenée, Vien, Houdon, Pajou, Moitte, Dejeoux, Gaudoin, Denon, Lesueur, Gossec, Gretry, Mehul, Monsigny, Paosiello, etc., etc. (2)

Depois dos sabios, dos litteratos e dos artistas foram chamados os militares, entre os quaes apresentou-se o tambor Mazon do 14. regimento de linha, que ganhara va[illegible]nhas de honra no exercito dos Alpes.

Um *Te Deum*, de Lesueur coroou a distribuição das cruzes. A' noite houve concerto nas Tulherias, illuminação geral e fogo de artificio na Ponte Nova

Mas não tendo o exercito podido vir aos Invalidos, Napoleão foi encontra-lo em Bolonha. Esta segunda festa valeu bem a primeira.

Aos 16 de agosto pelas dez horas da manhãa, o imperador em simples uniforme de caçador a cavallo, tomou lugar no campo de Bolonha na poltrona de bronze de Dagobert, que hoje se acha no Museu dos Soberanos. Do alto desse throno abraçava com os olhos a bahia, os dous campos e as baterias, o porto de Vineux e as costas de Inglaterra.

Todos os raios de artilharia annunciaram a desfilada. As cruzes estavam amontoadas em velhas armaduras, entre as quaes figuravam os escudos e couraças de Duguesclin e Bayard.

Ao rufo de 1800 tambores, 60,000 homens pozeram-se em marcha, e os legionarios, deixando suas fileiras, vieram, um após o outro, receber a cruz da mão de Napoleão.

A resposta ao juramento: *Assim o juro!* retumbou até aos bosques e colinas vizinhas occupadas por um exercito de curiosos mais immenso que o outro.

Um episódio magico, um rasgo theatral providencial terminou o dia. Emquanto as tropas de terra operavam seu movimento, a esquadra franceza ás ordens do almirante Magon, appareceu nas aguas furiosas defronte da esquadra ingleza e depois de uma viva canhonada empenhada de parte á parte, despersou os navios inimigos e entrou em triumpho no porto de Bolonha.

Taes espectaculos eram feitos para desarmar a opposição e absorver os epigrammas.

Não appareceu mais contra a cruz senão a manifestação dos cravos encarnados, e essa mesmo era mais em vantagem, do que em detrimento da nova instituição.

Os faccionarios deviam levar as armas aos condecorados; alguns mancebos acharam agradavel pôr no peito das casacas cravos encarnados e provocar a saudação militar por esse estratagema.

Muitos soldados assim enganados queixaram-se energicamente. Relatorios severos foram a consequencia dessas queixas e Napoleão ordenou ao ministro da policia que tomasse as mais rigorosas medidas.

— Certamente, respondeu Foucher, com espirito, esses moços estouvados merecem uma punição; mas esperemos para o outomno, que se aproxima. Os cravos desapparecerão e as fitas ficarão.

Esse dito engraçado e prophetico calmou o imperador.

Os cravos desappareceram com effeito com a queda das folhas, e quando hoje tornam a apparecer nas casacas, os faccionarios não se enganam mais com elles.

Tal foi a origem, tal foi a inauguração da Legião de Honra.

Para traçar esse quadro mui pouco conhecido, e que ha de interessar a muitos, bastou-nos resumir os tres primeiros capitulos da grande obra que Mr. Mazas acaba de consagrar á historia de uma instituição immortal como seu fundador.

Era chegado o momento de escrever essa pagina illustre de nossos annaes. A creação do imperador depois de quatro revoluções que nem mesmo a abalaram, está hoje de tal sorte consagrada e enraizada em França e na Europa, que não se diz mais a *cruz da Legião de Honra* porém simplesmente a *cruz*, a cruz por excellencia!

Ninguem estava melhor collocado que Mr. Mazas, para desempenhar a difficil e nobre tarefa que se propoz.

Official distincto das ultimas campanhas do imperio, historiador benemerito das antigas glorias francezas, membro, pela espada e pela pena da ordem que aguardara um historiographo; misturado pelas circumstancias da vida em todos os acontecimentos deste seculo, dotado de uma memoria tão prodigiosa, que he como uma segunda vista, na cegueira que resulta de seus longos trabalhos, elle condensou toda a historia da Legião de Honra, isto he, a mais bella historia de França de 1802 a 1815, em vinte capitulos que são outros tantos primores de verdade, de imparcialidade, de interesse, de curiosidade e de estylo simples, firme e conciso.

(1) Os puritanos ferozes que mais altamente haviam combatido a condecoração, ornam-se com ella cheios de reconhecimento: Berlier, Savoye-Rollin, Phibeaudeau, Chauvelin, etc.

(2) Pouco tempo depois foram condecorados Bernardin de Saint-Pierre e Daunou. Napoleão riscou com sua propria mão na lista os nomes de Parny e Naigeon. Entre os que recusaram a cruz citam-se: Lemercier, Delille, o almirante Truguet e o general Lafayette. O marechal de Rochambeau, o Nestor do exercito francez aceitou sua nomeação cheio de reconhecimento.

A imprensa periodica na Russia.

Na Russia publicam-se os seguintes jornaes:

A « Gazeta de Moscou, » he o decano dos jornaes politicos, foi fundado em 1703; he o jornal que tem maior numero de assignantes, a publica-se 3 vezes por semana.

O « Invalido russo, » orgão official militar; conta 42 annos de existencia, he publicado pelo *comité* dos invalidos, instituido em 1814: he na factualidade o jornal russo mais interessante.

A « Gazeta de S. Petersburgo, » mais conhecida com o titulo de «Gazeta russa » da academia. He o jornal mais variado e de maior formato. Publica-se ha perto de cem annos pela academia das sciencias. São notaveis as suas correspondencias de Londres e da Italia. Este jornal tornou-se mais conhecido por causa do processe que Mr. Buloz, da « Revista dos dous mundos » intentou ha dous annos, contra M. Philarete Charles, por occasião das correspondencias de Paris que publicava neste jornal.

O felhetim de Paris na « Gazeta de S. Petersburgo, » he escripto por M. Jules Lecomte, da « Independencia belga »

A « Abelha do norte » jornal politico e litterario; representa o elemento conservador; este jornal he muito lido no imperio.

O « Jornal de S. Petersburgo, » escripto em francez.

A « Gazeta allemãa da academia, » escripta em allemão, he politico.

O jornal polaco (o Tygodnik), publica-se duas vezes por semana.

São estes os jornaes politicos. Emquanto aos que são mensaes e semanaes, dividem-se em revistas scientificas e litterarias, officiaes e não officiaes.

Quasi todos os ministerios teem os seus jornaes especiaes. O ministerio da marinha publica os « Annaes maritimos, » onde além dos documentos officiaes concernentes a este ministerio, se contém artigos scientificos sobre a nautica, novas descobertas, etc.

Os outros ministerios alem da sua « Capitulação mensal » publicam o ministerio das terras da corôa publica o « Jornal das Caudelarias e da caça. » O ministerio das finanças, o « Jornal das minas, jornal das manufacturas e do commercio, » e finalmente as duas « Gazetas do commercio, » (uma em russo, 3 vezes por semana, e outra em allemão, 2 vezes por semana)

Ha além disso muitos jornaes especiaes publicados pelas sociedades scientificas, como o « Jornal militar, » o «Mensageiro da sociedade geographica, » o «Jornal dos conhecimentos uteis, etc » Pelo que toca a revistas litterarias ha a «Bibliotheca de leitura», a « Revista patriotica » e o « Contemporaneo »; e em Moscou o « Moscovita».

Todas estas revistas se pôde dizer que são os unicos representantes da litteratura russa.

Ha mais um jornal dramatico o « Pantheon», que publica peças de theatro, originaes e traduzidas.

No anno que vem parece que o numero destes jornaes crescera.

Em Odessa publicam-se dous jornaes politicos, um em lingua russa, o «Mensageiro de Odessa», e outro em francez, o « Jornal de Odessa.

Em Tiflis, sahe tambem a luz um jornal, intitulado o «Caucaso».

No reino da Polonia, na Finlandia, e nas provincias do Baltico tambem se publicam bastantes jornaes, mas nenhum em lingua russa.

[illegible] S. Petersbu[illegible] publica-se a « Folha [illegible]tica russa », do celebre pintor russo, [illegible]me, que foi discipulo de Horacio Vernet. Sahe tres vezes por mez, contendo mimosas lithographias, representando vistas, scenas e retratos, tudo da Russia.

PERNAMBUCO.

PAGINA AVULSA.

BOM DIA!

—Falla-se muito nos serviços do presidente da camara a respeito de um hospital, que alli ha ainda em construcção, mas o certo he que não deixando de parte esses serviços o Sr. Dr. delegado Theodoro tem sabido comprehender optimamente quaes os seus deveres em crise tal.

—Cahiram algumas pessoas nas ruas daquella cidade e querendo-se recolhe-las ao hospital ainda não havia nada prompto.

—Muito tem trabalhado a bem da pobreza um inspector Bernardino, por que com suas proprias mãos tem cavado sepulturas para os cadaveres.

—O sub-delegado major Laurentino, vendo, que ha alli uma falta absoluta de medicamentos, e conscio que só do governo não he que se hade esperar tudo, promoveu uma subscripção entre os habitantes d'aquella cidade, que gostosos se prestaram, e já mandou buscar uma bem soffrivel ambulancia para ser franqueada a todos, que della precisarem.

—Ainda pedimos pelos santos do Ceo, que a Illma. mande suspender os toques para o Viatico, ao menos a noite.

—O Sr. Pedro Affonço Rigueira inspector da rua das Trincheiras não tem sido como *certos caiporas* marralheiros, não senhor, he prompto a qualquer aviso e já nem póde trabalhar. Animo meus amigos, que tudo o mais vencer-se-ha querendo as almas bemditas.

—Oh! bravos *toré*? ! chegavisti? Mas vale tarde do que nunca; pois senhor aqui nos achou como quem não queria a cousa sempre como d'antes.

—*Uma norma de recibo de fogueiras.*—Illm.º Sr.º 3$240 reis. Recebi, 3240 » da parte que lhe tocou nas 6 fogueiras, que houverão no dia 13» 15» 16» de fevereiro, 20 de fevereiro—de 1856, entre 4 Ficou Vmc. do lado do Sr. Lacerda, Vellozo, e Ribeiro, repartido por 4 socios 12920 reis toca-lhe 3240

—*Anedocta original*—Em uma dessas noites de tempestade, que tanto aterrou as moças nervosas umas dellas procurou uma oraçãozinha da *Magnificat*, e por muitas vezes a rezou durante a trovoada. Na noite precedente reunindo-se algumas pessoas em casa e como he natural versando a conversação sobre a noite passada disse mui ingenuamente a menina *ca por mim rezei a nossa Senhora a magnificat.*—Um dandy, que ahi estava e louco por dizer uma asneira disse mui espevitado a moça — *E V. Ex. tem esse resisto?* —*Qual resisto Sr. P. . . . ?* perguntou a moça admirada.—*O de nossa Senhora Magnifica. . . .* —Não realisou, porque a moça foi levantando-se para poder rir a sua vontade a um canto da varanda. Temos mais esta invocação para a Mãi de Deos—Nossa Senhora Magnifica!

Um invejoso ou malicioso, informou-nos que a povoação do Barro ia pessimamente, hoje porem estamos melhormente informados que he falsa tal noticia, e que ao contrario não só naquelle povoado, como em toda a freguezia dos Afogados o tratamento dos cholericos he o melhor possivel, que o Sr. Dr. José do Rego Rapozo, tem excedido a toda a espectativa no tratamento, assim como que a commissão de beneficencia e os principaes moradores dos Afogados teem feito quanto he possivel para melhorar a sorte dos infelizes, excedendo o Sr. tenente-coronel Manoel Joaquim do Rego Albuquerque, a todos.

Até amanhãa.

Communicado.

Dominga Terceira da Quaresma.

Evangelho de S. Lucas cap. 11

Jesus Christo lançou o demonio, o qual er[illegible] mudo, do corpo de um po[illegible], e as turbas, que presenciaram o milagre encheram-se de maior admiração; mas alguns dos Fariseus ouvindo a narração deste facto, disseram: Que era em nome, e em virtude de Beelzebuth senhor e soberano de todo os demonios, que Jesus Christo havia feito semelhante cura. Outros não podendo conhecer em nome de quem fora expellido o demonio, suspenderam o seu juizo, até que podessem julgar por si mesmo, e por esta razão pediram ao Salvador um milagre nos Ceos, para que se desenganassem por seus proprios olhos.

Jesus Christo penetrando o interior de cada um delles, os juntou e propoz esta expressiva parabola—Toda a sociedade (disse o Filho de Deos) que se divide, e se revolta contra si mesma arruina-se, e uma casa cahirá sobre outra: se satanaz se divide e faz guerra a si mesmo, como he que o seu reino poderá ter segurança ou permanencia?

Queria dizer-lhes com isto: si satanaz lança dos corpos aquelles demonios que elle mesmo determinou que os occupassem, neste caso he elle contra si mesmo, e elle mesmo destrue o seu imperio: affirmais que he em virtude de Beelsebuth que eu lanço fora o demonio: se eu obro em nome delle então deveria conserva-lo no que estava possesso. Aqui o Redemptor interroga os que o acusão de lançar o demonio em nome de Beelsebuth e lhes diz—em nome de quem o expellião vossos filhos? Os Fariseus lhe responderam: sem duvida que em nome de Deos que elles invocavão sobre os possessos. Pois elles mesmos (continua o Salvador) serão os nossos juizes nesta causa; isto he serão vossos julgadores no juizo universal, elles terão de dar o seu parecer e condemnar-vos por formardes um juizo contrario dos seus milagres.

Uma vez que Jesus Christo obrava aquillo que elles approvavão em seus filhos, e elles reprovavão isto mesmo, he porque não condemnavão a pessoa pela malicia das suas obras; mas condemnavão a obra que era boa, pelo odio que tinhão a pessoa. O Salvador acrescenta: se he pelo Espirito de Deos que eu lanço os demonios he uma verdade, que o reino de Deos chegou a vós, pois que he sómente para o estabellecer, que eu obro todos estes milagres.

Quando um homem valerozo guarda o atrio da sua casa, estão em segurança e salvos todos os seus bens; porem se vier outro mais poderoso, e o vencer: se se apoderar de todas as suas armas, nas quaes elle havia posto a sua confiança, repartirá os seus despojos. O que não he por mim, he contra mim, e o que não colher comigo desperdiçará. Quando o espirito immundo sahe de um homem, procura os lugares seccos para que ache repouso, e voltando acha a casa limpa e ornada, então elle toma comsigo outros espiritos peiores do que elle mesmo, e entrando todos para a casa, fazem nella a sua morada, e o ultimo estado deste homem, vem a ser mais infeliz e pessimo do que o primeiro.

Pronunciando Jesus Christo estas palavras ergueu do meio da multidão uma mulher a sua vóz e lhe disse: bemaventurado o ventre que vos trouxe, e os peitos que vos alimentaram; mas Jesus Christo lhe respondeu: são mais bemaventurados e felices ainda os que cuvem a palavra de Deos e a guardão com fidelidade.—

— Pagina Sagrada —

Instrução e conselhos que Tobias dá a seu filho sobre a Caridade. —

Persuadido Tobias que Deus ouviria sua oração, e o levaria para si como lhe pedira, chamou seu filho (Tobias o moço que tinha então perto de 20 annos) e lhe disse: ouve, meu filho, as palavras da minha boca, e guarda-as em teu coração como um solido fundamento. Quando Deus tiver levado para si a minha alma, dá sepultura a seu corpo, e honra a tua mãi em todos os dias de tua vida, pois deves lembrar-te de quanto padeceu quando te trazia em seu ventre; quando ella acabar os seus dias enterra-a tambem ao pé de mim.

Anda sempre na presença de Deus em todos os dias da tua vida: guarda os seus mandamentos, e evita o peccado.

[illegible] esmola da tua [illegible]enda, [illegible]o voltes a [illegible] [illegible]m pobre, porque assim tambem o Senhor não [illegible]taria de ti o seu rosto.

Exerce a misericordia do modo que poderes. Se tiveres muito, dá muito; se tiveres pouco, dá pouco; mas da-o de boamente. Assim enthesourarás uma grande recompensa para o dia da necessidade porque a esmola a livra de todo o peccado e da morte, e não deixa cahir a alma nas trevas.

A esmola dará uma grande confiança diante do Juiz Supremo a todos os que a fizerem.

Preserva-te, meu filho, de toda a impureza e não levantes os olhos licenciosos para a mulher que não seja a tua.

Não consintas que em teus pensamentos e palavras dominem a soberba; porque nella teve principio toda a perdição.

A todo o homem que te fizer algum trabalho paga-lhe logo seu salario, e nunca fique em teu poder a paga do mercenario.

Tem cuidado em nunca fazeres a outrem o que não queiras que te fizessem a ti.

Reparte o teu pão com os pobres e famintos, e cobre de teus vestidos aos que estão nus.

Pede sempre conselho ao sabio.

Louva a Deus em todo o tempo; pede-lhe que encaminhe teus passos e que teus intentos nunca d'elle se apartem.

Esta reflexão de Tobias a seu filho, he uma lição perfeitissima para nos exercitarmos a virtude da Caridade, para com o nosso irmão indigente; he tambem uma reprehensão solemne áquelles homeus avarentos, cuja solicitude está unicamente no cabedal que tem enthesourado em chapeados cofres: aqui Tobias mostra com toda a força da evidencia quanto he util á esmola que se dá ao pobre; quanto he proficuo ao mesmo homem que prodigalisa ao seu irmão coberto [illegible] drajos e miserias, o obolo da caridade [illegible] esses socorros, desses beneficios que se [illegible] indigencia sofredora, resulta um bem grandioso aquelle que o desempenha; servindo-lhe para minorar parte de seus delictos a esmola que depositar no seio do desvalido; como nos allianca o Ecclesastico; que assim como a agua apaga o fogo, tambem a esmola faz desaparecer o peccado, *Ignem ardentem extinguit aqua et eleimosyna resistit peccata.* —

A quadra lamentavel em que nos achamos he assás opportuna para desempenhar-se a virtude da Caridade áquelles individuos que infelizmente são acommettidos do flagello terrivel que nos está fazendo o seu cortejo de mizerias, cobrindo tantas familias do negro crepe de dor e amargura. He nesse ensejo que o heroismo christão deve dar as mais irrecusaveis provas de sua orthodoxia; praticando aquelles actos de humanidade tão recommendados pelo divino Soberano dos Orbes, e tambem desempenhado por uma grande parte de athletas da relegião da crux. Pratiquemos assim que seremos felices, e mereceremos as benções do Ceo.

Noticias Diversas.

Sentenças.

Todo o empenho do homem hade consistir na gloria do seu bom nome.

Eccl. cap. 41.

O furor das tempestades arrojará ás ondas um virtuoso; mas não lhe ha de faltar uma Balêa que o traga á praia.

Jon. cap. 1.

Melhor he ser pobre do que rico enfermo.

Eccl. cap. 30.

[illegible]E.: TYP. DE M. F. DE FARIA. — 1856.

MUTILADO

ILEGÍVEL